



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

AFETIVIDADE E SEXUALIDADE ENTRE CASAIS NEGROS: A INTIMIDADE COMO REFLEXO E CONSTRUÇÃO DAS RELAÇÕES RACIAIS NO BRASIL

José Américo Martins Júnior

Pós/ UFSCar.

zecadykalimba@yahoo.com.br

Introdução

O objetivo deste artigo é levantar alguns aspectos referente ao andamento da pesquisa “União endogâmicas entre negros: algumas anotações sobre branquidade e negritude”¹.

Mostraremos, primeiramente, como os conceitos de branquidade e negritude serão utilizados nesta pesquisa para fundamentar nossa escolha de privilegiar as relações entre negros; após este momento, teceremos algumas considerações sobre relacionamentos e casamentos, uma vez que pesa sobre este último uma maior associação com a opressão na intimidade.

Posteriormente, analiso alguns aspectos dos relacionamentos afetivos sexuais e relações raciais, atentando para o fato de que as dificuldades que casais inter-raciais enfrentam na nossa sociedade pode ser um indicador para justificar as escolhas endogâmicas.

Raça: Branquidade e identidades

No Brasil, as questões étnico-raciais vêm ganhando mais espaço de debate com o advento das políticas de ações afirmativas com isso velhas e novas questões tem fomentado os estudos acadêmicos sobre relações raciais. Neste sentido, raça diz respeito a um momento histórico marcado pela mudança cultural no qual o imperativo singular da mestiçagem vem perdendo espaço para a pluralidade de identidades (Silvério, 2003).

Ocorre que a identidade também é contraditória uma vez que existe uma perspectiva essencialista, no qual um grupo social se distingue do outro, e a contingente caracterizada pela idéia de que a identidade é o produto de intersecções de diferentes

¹ Pesquisa vinculada ao Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal de São Carlos, sob orientação do Professor Dr. Valter Roberto Silvério.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

componentes que envolvem questões políticas, culturais e outras particularidades (WOODWARD, 2009).

Woodward (2009) argumenta que a importância da identidade ocorre em razão de existir atualmente uma crise de identidade, global, local, pessoal e política. Assim, certos processos que tem na identidade algo fixo estão entrando em colapso ao mesmo tempo em que novas identidades estão surgindo em meio a lutas políticas. É o caso dos novos movimentos sociais.

Negro é um termo utilizado nos estudos sobre raça, que enquanto constructo social faz parte de um ramo específico da Sociologia, ou das Ciências Sociais, que trata das identidades sociais (GUIMARÃES, 2005). Nesta perspectiva, vale a pena levar em conta um viés específico do debate em questão que torna esta arena menos desigual em termos analíticos. No Brasil, raça muitas vezes é tratada como eufemismo de negro. Neste caso, é interessante observar que racializado é sempre os “outros”. Ocorre que, como afirma Woodward (2009), “Todas as práticas de significação que produzem significados envolvem relações de poder, incluindo o poder para definir quem é incluído e quem é excluído” (WOODWARD, 2009, p. 18).

Se a discussão racial prima pelo viés social, uma vez que os negros são marcados pela desigualdade social e pela exclusão, os brancos têm como característica fundamental serem privilegiados nessa sociedade que hierarquiza as relações sociais, através dos dispositivos de raça, gênero e classe. Assim, temos o que se entende por branquidade, que também é cercado por divergência que envolve questões metodológicas e ideológicas (WARE, 2004). Entretanto, dentre tantas possibilidades ela pode ser entendida de maneira geral como: “...um lócus de elaboração de uma gama de práticas e identidades culturais, muitas vezes não marcada e não denominada, ou denominada como nacionais e ‘normativas’, em vez de especificamente raciais” (FRANKENBERG, 2004, p. 307).

Dessa forma, se os negros se articulam em termos políticos e sociais a partir dos pressupostos da militância negra, ou das distintas formas que a identidade pode ser construída, inclusive por meio das mídias, os brancos se articulam, conscientemente ou não, sobre a rede de privilégios estabelecidos pelo que se entende por branquidade. Sobre esta questão, Ware (2004) levanta uma discussão que diz respeito à postura defensiva dos que imaginam que ser classificado como branco é a norma, cabendo



somente as outras pessoas a condição de racializados (WARE, 2004: p. 9). Expressões como “pessoa de cor”, sugere entre as pessoas sem “cor”, o entendimento equivocado de que de algum modo elas estão fora da estrutura das raças e do racismo. Desta maneira, “Chamar atenção para a construção social da branquidade é lutar contra sua normatividade” (WARE, 2004, p. 304).

Aqui temos uma outra questão fundamental nesse debate, se a identidade tem um viés essencialista, no sentido de “cristalizar” grupos sociais, a universalização desses grupos também é problemática em razão de supor uma homogeneização, que exclui pelo excesso de igualdade. Um exemplo é o movimento feminista no qual as mulheres negras não gozam do mesmo prestígio que as mulheres brancas. Nem no que concerne a política adotada pelo mercado da “boa aparência”, tida naturalmente como branca (CARNEIRO, 2004), muito menos no que se refere a tão proclamada emancipação feminina, por meio do acesso a educação formal.

Para Carneiro (2004), supor que as mulheres formam um grupo homogêneo como se compartilhassem igualmente das oportunidades sociais é um equívoco. Um exemplo é que, de maneira geral, as mulheres precisam de uma vantagem de cinco anos de escolaridade para ter a mesma probabilidade que os homens tem para conseguir um emprego. Em se tratando das mulheres negras, para alcançar o mesmo padrão das mulheres brancas elas precisam em média de mais quatro anos de estudo.

Acredito que a compreensão racial que reflete e problematiza a branquidade como categoria de análise, amplia e cria novas formas de diálogo, no qual todos são racializados, uns pelo viés da exclusão e outros pelo privilégio, uns dominantes e outros subalternos (WARE, 2004). Tratam-se de fatores que pesam, inclusive, no campo das relações raciais e afetam, de forma inquestionável, as relações afetivas e sexuais de negros e brancos, homens e mulheres.

Endogamia: relacionamento e casamento.

Segundo (Oliveira et al 2005), endogamia se refere ao estudo das uniões entre sujeitos que possuem os mesmos atributos, tais como raciais, religiosos, classe social, escolaridade, linhagens dentre outros. Para Lévi-Strauss (1982:)

“a endogamia verdadeira é somente a recusa de reconhecer a possibilidade do casamento fora dos limites da comunidade humana, estando esta última sujeito a definições.” (LEVI-STRAUSS: 1982,p. 86).



Considerando que a endogamia pode estar relacionada à classe social, nível de escolaridade, raça, língua, religião etc (OLIVEIRA et al 2005; LEVI-STRAUSS: 1982), a endogamia racial afetiva e sexual entre negros é uma dentre muitas combinações possíveis que podem ser verificadas em uma pesquisa empírica, portanto, neste trabalho, pretendemos tratar da endogamia entre negros no que concerne especificamente aos relacionamentos afetivos e sexuais. As uniões fora do grupo social são caracterizadas como exogâmicas. Aqui analisaremos as possíveis conexões entre endogamia racial e exogamia, que são características muito comuns dos estudos voltados para seletividade marital.

O conceito de relacionamento significa um vínculo emocional continuado com outrem (GIDDENS, 1993), mas durante muito tempo, entre as pessoas sexualmente ativas, o amor costumava ser vinculado a sexualidade através do casamento. O casamento propriamente dito civil, religioso, foi uma dentre tantas possibilidades analíticas sobre relacionamentos afetivos-sexuais neste trabalho. Para isso, devemos levar em consideração que qualquer que seja o tipo de relacionamento, todos em certo sentido pressupõem a constituição de algum tipo de *laço* entre grupos sociais (Auge, 1978). São esses *laços* que caracterizam a endogamia entre negros, que se configura no objeto que deu norte a esta pesquisa.

A questão é que pesa sobre o casamento a opressão na intimidade, seria por meio desta instituição que a violência contra a mulher se materializa em razão, sobretudo do machismo. Entretanto, considerando que essa opressão também ocorre nas relações familiares, e nos relacionamentos de maneira geral. Uma vez que ser solteiro, não representa a ausência de vínculos amorosos e sexuais, muito menos a ausência de relações familiares, provavelmente os solteiros também sofrem algum tipo de opressão quando o assunto é intimidade. Um exemplo são os direitos estatutários concedidos aos “casados”, daí a necessidade de indicar o estado civil quando se abre uma conta bancária, o desconto em contratação de serviços como seguros de automóveis, e a ausência de políticas públicas voltada para o amparo de mulheres que desejam fazer aborto, que são supostamente as mulheres solteiras.

A própria concepção de “casamento” vem mudando, e deixou de ser algo pra toda vida. Além disso, atualmente os direitos reconhecidos por meio do casamento, estatutariamente falando, se estendem as uniões estáveis, abarcando todo tipo de



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

coabitação que envolvem afeto e sexo. O que levou inclusive a emancipação de uma gama de relacionamentos homoeróticos. Minha questão aqui é defender que a opressão na intimidade pode ser mais acentuada através da instituição casamento, mas ela não deixa de afetar a vida de pessoas solteiras, afinal a opressão na intimidade ocorre por meio das relações sociais, e ser solteiro não significa a ausência destas. Em tempos de maior liberdade, a modernidade é eminentemente repressiva (Giddens, 1993). Portanto, ninguém está livre dessa regulação que oprime, principalmente quando a questão é sexo.

Trajatória afetiva-sexual e a questão da endogamia.

No que tange especificamente ao padrão de endogamia racial, os estudos apontam um alto índice (SILVA, 1987; SCALON, 1990; PETRUCCELLI, 2001), MAS não conseguem demonstrar como foi a trajetória do indivíduo, até o momento em que ele responde a pesquisa que representam as bases dessas análises. Neste sentido, como coloca Berquó (1986) é possível afirmar que os dados estatísticos nos indicam quem está envolvido em um relacionamento considerado endogâmico na data do censo. Entretanto, uma vez que o relacionamento não seja o primeiro e único, a trajetória pode indicar outras situações. Neste caso, estar em situação de endogamia seria o mesmo que ser endogâmico, algo que indicaria uma posição mais fixa? Essa foi uma questão que orientou parte das análises e pudemos observar que, mesmo estando envolvido em relacionamentos com parceiros (as) do mesmo grupo racial, parte dos entrevistados admitiram ter, em algum momento da trajetória pessoal, um relacionamento inter-racial. Mas, uma vez constatada a prática exogâmica na trajetória afetiva-sexual nos pareceu mais relevante procurar refletir em torno dessa experiência a fim de entendermos a razão da endogamia. E uma das questões mais importantes nesse sentido foram os dramas vividos nessa experiência. É o caso de Margarida, sentiu o peso do imaginário social sobre o suposto papel sexual da mulher negra, neste caso representado pelo “ideal da mulata”, construída como objeto de desejo por meio do rádio, do teatro de rebolado e da televisão (CORRÊA, 1996).

“Na verdade eu não tive namorados brancos assim, é tive esse namoro de adolescência mais é uma coisa de adolescente, não teve uma dimensão muito grande. É eu tive uma relação sexual com um homem branco, é eu já estava



um pouco mais próxima da militância, do movimento negro e foi horrível...”
(Margarida, 30 anos).

Segundo essa informante, ela ficou temerária em não atender as expectativas do parceiro uma vez que pesava sobre ela essa hiper-sexualização do corpo da mulher negra, representado pelo imaginário da mulata. Seria esse um fator que incentivara a prática endogâmica?

Em Moutinho (2004), é possível encontrarmos citações de mulheres negras que afirmaram terem sido tratadas como prostitutas por estarem com amigos ou companheiros estrangeiros brancos. E a forma de se poupar dessa violência era evitando relacionamentos exogâmicos. Mesmo aquelas que admitiam tais relacionamentos, adotavam estratégias para fugir desse estigma, ainda que soubesse que o relacionamento era fortuito. Mantinham-se no armário², ou seja, o relacionamento era mantido as escondidas.

De fato, se o problema racial for algo a ser considerado, mesmo em uma sociedade que se diz híbrida, como a brasileira, a exogamia parece render às mulheres negras, estigmas que a subalternizam duplamente, como mulher e como negra. Essa sem dúvidas é uma pista valiosa no sentido de entender a endogamia entre negros no Brasil. Não que essa mesma situação não possa ocorrer em um relacionamento endogâmico, ao contrário, sabemos que a mulher negra encontra-se na base da pirâmide social, e essas hierarquias não deixam de criar uma subalternidade dentro do próprio grupo racial, ocorre que em termos sociais, a endogamia parece acolher melhor essas diferenças, uma vez que mantém um aspecto fundamental dessa subalternidade, a racial.

Paradoxalmente, em relação aos homens negros a exogamia também é alvo de estigmas, mas aqui se destaca o fato de que as críticas partem, sobretudo, de setores do movimento social de negros. Neste caso, a exogamia indica que a parceira branca seria objeto fetichista de integração e ascensão social (MOREIRA E SOBRINHO, 1994).

²² Essa reflexão aponta o “armário” como um dispositivo de regulação da sexualidade de gays e lésbicas em contraponto a maior visibilidade e normatividade da heterossexualidade. Esse termo também pode ser utilizado para percebermos como as relações afetivas-sexuais inter-raciais as escondidas supõe maior permissividade a endogamia e a manutenção do status quo gerado pela branquidade. Sobre “A epistemologia do armário” ver Sedgwick (2007).



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

Mas, segundo os dados levantados por Berquó (1986), a diferença percentual entre homens e mulheres negras envolvidos em relacionamento exogâmicos é mínima. Desta forma, Moreira e Sobrinho (1994), argumentam que os homens negros seriam alvos preferenciais da crítica a prática exogâmica em razão das questões de gênero.

Outros informantes também falam sobre experiências em um relacionamento exogâmico; é o caso de Mercedes, 53 anos. Para ela houve uma dificuldade de adaptação ao relacionamento exogâmico.

“Eu não me sentia bem ao lado dele. Não me sentia inferiorizada não, é que não batia as idéias, os amigos... Isso era uma dificuldade e também levá-lo no meio do pessoal negro com o qual eu convivia...ele se sentia excluído. Eu tinha grupo, eu dançava e ele se sentia perdido”. (Mercedes, 53, bibliotecária)

Diante dessa informação, é possível analisar até que ponto a representação de homem branco surge nesse relacionamento como algo a ser seguido, ou como algo normativo. Segundo Pinho (2004), a nação e a cultura nacional é produzida a partir de uma mística miscigenante que ocorre através do sexo, no qual o homem branco, heterossexual, seria o civilizador erótico (PINHO, 2004).

Ao afirmar sua dificuldade de adaptação, Mercedes sugere que ela deveria se adaptar e não ele, ainda que ela tivesse nos espaços de sociabilidade negra um referencial forte. Em certo sentido a idéia do civilizador erótico é incorporado como uma norma a ser seguida, cabendo aos “outros” a adaptação.

Rosa, 43, fez um dos relatos mais marcantes sobre relacionamentos exogâmicos. Sua fala traz ainda algo no sentido de pensarmos como a concepção de branco também deve ser problematizada. “O que eu tive foi com homem loiro mesmo, de olhos azuis, que era transparente...” (Rosa, 46 anos, jornalista). Como foi colocado, as práticas de significação produzem relações de poder (WOODWARD, 2009). Da forma como Rosa se expressa, loiro é diferente de ser simplesmente branco. Loiro ou loira surgem sempre como portadores de uma branquidade potencializada pelo fenótipo, portanto mais legítima. Neste sentido, vale a pena observar que a “loira de farmácia” (MOUTINHO, 2004), por exemplo, não goza de tanto prestígio e também denota algum tipo de diferenciação sem prestígios entre o que se entende por um “legítimo branco”.



Essa supervalorização da branquidade também pode ser entendida como um pressuposto que gerou uma intolerância por parte da família do namorado, sobretudo a mãe.

“Eu me lembro que numa confraternização familiar, numa das poucas que eu fui, tinha aquelas mesas enormes e a mãe dele falou que nunca esperava que teria netos mestiços. Nunca me esqueço dessa frase. Porque a filha dela era loira casada com marido loiro e os filhos eram loiros (Rosa, 46, funcionária pública).

Além dessa branquidade supervalorizada na figura do loiro, é possível perceber também como a idéia da mestiçagem pra algumas pessoas recobre somente a parte da população que é considerada não branca, ou seja, confirma o imaginário social e algumas referências acadêmicas de que o branco não é híbrido.

Como demonstra Moutinho (2004), as restrições aos relacionamentos exogâmicos ocorrem com frequência no meio familiar e nos espaços públicos. É realmente paradoxal um país que apresenta altos padrões de endogamia racial manter um discurso ideológico de mistura que acaba sendo uma retórica que alimenta a exclusão, as desigualdades raciais e as elites econômicas e política, formada em grande parte por brancos.

Ao cotejarmos a questão de gênero, podemos observar que, por parte dos homens negros, a experiência em relacionamentos exogâmicos foram tratados como algo, fortuito, nada muito sério. Marcos, 28, casado há oito anos com uma mulher negra, afirma: “Sim, já me relacionei com uma pessoa branca. Na verdade, assim...por não ter virado uma coisa tão séria, eu não tive confronto de família, então eu não tive problemas nenhum neste sentido” (Marcos, 28 anos, Assistente Administrativo)

Aqui podemos fazer uma reflexão no sentido de entender que a casualidade alivia a tensão racial no relacionamento inter-racial. Primeiro porque a permissividade, por meio das relações casuais, são marcadas pela concepção do “armário”, feita quase sempre as escondidas, na calada da noite. Além disso, tal casualidade também vai ao encontro de uma dada representação da masculinidade negra construída ao longo da história e reificada pela mídia, que os negros seriam afeitos aos prazeres sexuais, quase



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

de forma bestial e violenta, mas inaptos à conjugalidade, ao estabelecimento de famílias. Essa representação foi incorporada por homens e mulheres negras, a ponto de vermos em muitos textos de mulheres negras, bem como em suas falas do senso comum, este tipo de juízo de valor em relação ao homem negro. Estes, por sua vez, principalmente no que se refere ao mito da super potência dos homens negros, acabam por introjetar este discurso sem perceber, muitas vezes, a violência dessa representação.

“Representações dos homens negros na mídia geralmente colocam estes como mais violentos do que os outros homens, super masculinos (personagens televisivos como Hawk e Mr. T.) Estas imagens apelam para a audiência branca, que simultaneamente sentem medo e são fascinados por eles. (...) Trabalhos conhecidos como o estudo de Nancy Friday sobre as fantasias das mulheres brancas revela que uma das mais presentes imagens é a do homem negro como sedutor/estuprador. É consistente com o racismo que esta imagem tenha tanto poder de cativar, e simultaneamente horrorizar” (HOOKS, 1990, p. 72)³ (Tradução minha)

É interessante no sentido de percebermos como essas representações, inclusive da propensão ao sexo casual, toma diferentes dimensões quando mensurado na perspectiva de gênero. Para as mulheres negras, a casualidade significa, em termos, uma fornicação abusiva que alude à mulher hiper erotizada e sexualmente sempre disponível que é a mulata. Dessa forma, apesar de elas terem conquistado o direito de viver sua liberdade sexual tal qual as mulheres brancas, o imaginário que existe sobre as mulatas “Branca para casar, mulata para f..., e negra para trabalhar,”(PACHECO, 2008), faz com que elas rechacem a possibilidade desse “sexo livre”, que potencializa os estereótipos em torno do seu corpo. Como no Brasil mesmo a mais escura das mulheres a depender de atributos financeiros, escolaridade, tipo de cabelo etc, é considerada mulata, essa representação negativa atinge a todas, a depender do contexto que essa racialização é acionada.

³ Um exemplo dessa representação pode ser vista no filme “Bonitinha mas ordinária” (1981), baseado na obra de Nelson Rodrigues, no qual uma jovem branca de classe média é estuprada por três homens negros. Na trama a cena é representada como uma violência sofrida pela jovem Maria Cecília, que considerada pervertida, demonstra sentir desejo prazer.



Essa casualidade também apareceu na fala de Roberto, 27 anos, que namorou com uma mulher negra durante cinco anos e na ocasião da entrevista, estava casado há um ano e meio. “*Não, namorar não, já tive um casinho ali, um casinho aqui, mas namorar sério não*” (Roberto, 27 anos, autônomo).

Na realidade, em contexto democrático, a casualidade sexual⁴ é um fator que se contrapõe à característica opressiva do casamento propriamente dito, que em termos sexuais oprime a mulher e mantém uma permissividade ao homem, mas ela também pode ser opressiva no sentido aqui apontado.

Podemos observar também que as relações extraconjugais enquanto característica do relacionamento moderno (HEILBORN, 2004) dão o tom da casualidade na relação estabelecida. Ocorre que a própria casualidade passa a ser uma representação dos relacionamentos em contexto democrático, igualitário. Entretanto é interessante percebermos como a perspectiva moderna de relacionamento caracterizado pelas relações mais casuais e extraconjugais não se coadunam com a representação de gênero racializada de mulheres e homens negros, na qual ambos os comportamentos são associados ao mundo dos prazeres entre os homens (MOUTINHO, 2004) e, portanto, da irresponsabilidade, e à sexualidade bestial (PINHO, 2004), entre as mulheres negras.

Trata-se de mais um caso no qual a modernidade é paradoxal quando problematizado em torno das relações raciais. Ou seja, algumas ações acontecem no sentido de reconhecer direitos, entretanto percebemos que tal direito é configurado dentro de uma perspectiva que não contempla corpos negros, a branquidade. Com isso,

⁴ No sítio da revista Marie Claire, voltado para mulheres de classe média alta, existe uma notícia chamada “Seis bons motivos para praticar sexo casual”, que incentivam a casualidade sexual. Os benefícios seriam: “Faz com que você se sinta mais poderosa; o sentimento de liberdade diminui a insegurança. Ajuda a superar a timidez porque a transa sem envolvimento é libertador e faz com que as mulheres se preocupem mais com seu próprio prazer. Ensina aprimorar a sexualidade uma vez que quem faz sexo casual está sempre se desenvolvendo e atualizando. Ensina mais sobre nós mesmas porque questionamos valores que antes dávamos como certos. Transforma obrigação em prazer; nas relações estáveis sexo vira obrigação. É um bom exercício de comparação por que quem teve relação duradoura acha que sabe tudo de sexo, fato que cai por terra quando entra em relações mais rotativas”. Ainda que reconheça nessa matéria uma expressão de liberdade sexual fundamental, por não se tratar de uma pesquisa científica, há de se considerar em que medida esses pontos elencados representam os desejos de suas leitoras, e se tais valores podem ser considerados para as mulheres negras. (Revista Marie Claire - <http://revistamarieclaire.globo.com/Revista/Common/>). Visitado em 30/07/2010).



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

ainda que a prática seja considerada moderna, não supera e as vezes até acentua os estigmas do homem e da mulher negra.

Conclusão

Nessa pesquisa pudemos observar que no Brasil, mesmo com o amplo discurso da mestiçagem, as relações afetivas e sexuais entre pessoas de grupos raciais diferentes, rendem uma série de objeções. Tanto por parte dos brancos, que de alguma maneira procuram manter o status conferido pela branquidade. Quanto por setores do movimento social de negros, que apontam nesses relacionamentos uma tendência ao embranquecimento. Portanto, algo que deveria ser evitado.

A grande questão é que se a endogamia for entendido como algo fixo, estar em situação de endogamia muitas vezes não significa que o sujeito teve esse comportamento no decorrer da sua trajetória afetiva-sexual. Foi o que vimos, mas a situação de endogamia também pode indicar uma dificuldade pontual no estabelecimento de relacionamentos exogâmicos.

Mesmo reconhecendo que os corpos negros, de homens e mulheres, circulam no campo do afeto e do sexo com uma série de estigmas, que em contraponto ao civilizador erótico branco, desumaniza, a branquidade, enquanto norma, envolve a todos e recobre inclusive e principalmente os não brancos, através de um modelo de sociedade ocidental, com um forte apelo europeu. Isso se dá por meio da escolarização, das mídias e dos avanços tecnológicos, do capitalismo, etc. Desta forma, nomear esse ou aquele, como sujeito apto ao embranquecimento, em razão do tipo de relacionamento que ele está envolvido, nada mais é do que a revelação do quanto a endogamia é fruto de essencializações que pretende exercer algum tipo de poder sobre o corpo e o sexo das pessoas. E isso ocorre tanto por parte de brancos quanto por parte dos negros, e ambos reificam as características opressora da intimidade.

Por último vale lembrar que esse trabalho se pautou nas relações heterossexuais, cabendo ai espaço para investigações sobre os relacionamentos homoafetivos. Inclusive essa também é uma crítica sobre os padrões de endogamia indicado pela bibliografia pertinente. Pouco ou quase nada existe sobre as relações homoafetivas entre negros (as).



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

A questão aqui seria entender até que ponto os estigmas e os dramas vividos pelos casais heterossexuais se repetem nessas experiências.

Referência Bibliográficas

BERQUÓ, Elza. *Nupcialidade da população negra do Brasil*. Textos NEPO, nº 11, campinas: 1987.

FRANKENBERG, Ruth. A miragem de uma branquidade não marcada. In. WARE, Vron (org.) *Branquidade: identidade branca e multiculturalismo*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004. p. 307-3

GIDDENS, Anthony. *A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo: UNESP, 1993.

HEILBORN, Maria, Luiza. *Dois é par: gênero e identidade sexual em contexto igualitário*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

LÉVI-STRAUSS, C. *As estruturas elementares do parentesco*. Petrópolis: Vozes, 1982.

MOREIRA, Diva; SOBRINHO, A, B. Casamentos inter-raciais: o homem negro e a rejeição da mulher negra. In Costa, A, O & Amado, T. (orgs.) *Alternativas escassas: saúde, sexualidade e reprodução na América Latina*. São Paulo: Prodir/Fcc - Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994.

MOUTINHO, Laura. *Razão, "cor" e desejo: uma análise comparativa sobre relacionamento afetivos-sexuais "inter-raciais" no Brasil e na África do Sul*. São Paulo: Unesp, 2004a.

OLIVEIRA, Raquel; Magalhães, Maysa; Lazo, Aida. *Modelos de Goodman: Perfis das uniões pela cor dos casais*. Anais da ABEP, Caxambu (MG), 2005.

PETRUCCELLI, José Luis. Seletividade por Cor e Escolhas Conjugais no Brasil dos 90. *Estudos Afro-Asiáticos*, Ano 23, nº 1, 2001, p. 29 – 51.

PINHO, O. O efeito do sexo: políticas de raça, gênero e miscigenação. *Cad. Pagu*, Dez 2004, no.23, p.89-119

SCALON, Maria Celi da Cruz. *Cor e Seletividade Conjugal no Brasil*. *Estudos Afro-asiáticos*, Rio de Janeiro, nº 23, 1992 p. 17-36.

SILVA, Nelson do Valle. Distância Social e Casamento Inter-Racial no Brasil. *Estudos Afro-Asiáticos*, nº 14, 1991, pp.54-84.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

SILVÉRIO, Valter Roberto. O papel das ações afirmativas em contextos racializados: algumas anotações sobre o debate brasileiro. In: Valter Roberto; Gonçalves, Petronilha Beatriz. (Org.) *Educação e ações afirmativas: entre a injustiça simbólica e a injustiça econômica*. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2003. p. 57 – 74.

WARE, Vron. O poder duradouro da branquidade: “um problema a solucionar”. In: Ware Vron (Org.) *Branquidade: Identidade branca e multiculturalismo*. Rio de Janeiro: Garamound, 2004, p. 7-39.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz T. (Org.) *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis: Vozes, 2009.